



GÊNESIS DA INCLUSÃO: NARRATIVAS SOBRE A FUNDAÇÃO DAS METROPOLITAN COMMUNITY CHURCHES

Ana Ester Pádua Freire*

RESUMO

As tensas relações que se dão entre as dissidências sexuais e de gênero e o cristianismo tradicional e hegemônico revelam momentos de ruptura e continuidade. Rompendo com a exclusão de pessoas LGBT, mas continuando dentro da história do cristianismo, surgem as igrejas inclusivas que se apresentam como espaços de resistência aos discursos de ódio perpetrados pelos fundamentalismos religiosos. O presente artigo tem como objetivo resgatar a memória de como o processo de inclusão se desenvolveu a partir da fundação das *Metropolitan Community Churches*. O que essa possível gênese das igrejas inclusivas revela é que o mesmo espírito de insurreição que marca a fundação dessa denominação faz-se ainda necessário diante de um cenário de recrudescimento da violência contra as pessoas LGBT.

Palavras-chave: Igreja inclusiva. Troy Perry. Inclusão. LGBT.

GENESIS OF INCLUSION: NARRATIVES ABOUT THE FOUNDATION OF THE METROPOLITAN COMMUNITY CHURCHES

ABSTRACT

The tense relationships between sexual and gender dissidences with traditional and hegemonic Christianity reveal moments of rupture and continuity. Inclusive churches create rupture by including LGBT people but also continue the history of Christianity, by providing spaces of resistance to the hate speech perpetrated by religious fundamentalism. This article examines this inclusion process, which was developed with the founding of Metropolitan Community Churches, and proposes that the same spirit of insurrection that founded this denomination can be the possible genesis of other inclusive churches.

* Doutora e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.



ches, which are still necessary in the face of an upsurge of violence against LGBT people.

Keywords: Inclusive church. Troy Perry. Inclusion. LGBT.

LA GÉNESIS DE INCLUSIÓN: NARRATIVAS SOBRE LA FUNDACIÓN DE LAS METROPOLITAN COMMUNITY CHURCHES

RESUMEN

Las tensas relaciones que se dan entre las disidencias sexuales y de género y el cristianismo tradicional y hegemónico revelan momentos de ruptura y continuidad. Rompiendo con la exclusión de las personas LGBT, pero aunque dentro de la historia del cristianismo, aparecen iglesias inclusivas, que se presentan como espacios de resistencia a los discursos de odio llevados a cabo por fundamentalismos religiosos. Este artículo tiene como objetivo rescatar la memoria de cómo se desarrolló el proceso de inclusión desde la fundación de las *Metropolitan Community Churches*. Lo que revela esta posible génesis de las iglesias inclusivas es que el mismo espíritu de insurrección que marca lo surgimiento de esta denominación sigue siendo necesario ante un recrudecimiento de la violencia contra las personas LGBT.

Palabras clave: Iglesia inclusiva. Troy Perry. Inclusión. LGBT.

GÊNESIS 1: “NO PRINCÍPIO”

A discussão sobre os imbricamentos entre as instituições religiosas e os direitos das diversidades sexuais e de gênero revela as insurreições dentro da própria tradição do cristianismo em direção à inclusão e afirmação de pessoas LGBT². Um exemplo desse movimento de resistência e transgressão são as *Metropolitan Community Churches* (Igrejas da Comunidade Metropolitana) que, segundo Cris Serra (2020), é a primeira denominação cristã dedicada expressamente à diversidade sexual e de gênero.

Com o intuito de apresentar como se deu a fundação dessa que é considerada a primeira igreja cristã inclusiva do mundo, apresentarei neste artigo as memórias do Reverendo Troy Perry (1940), fundador

¹ Gênesis 1, 1 (A Bíblia de Jerusalém).

² Neste artigo, optei pelo uso da sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis/ transexuais/ transgêneros) por ser a usada no documentário que é a fonte primária desta narrativa.



da denominação, em busca do que poderia ser considerada uma “gênese” do movimento de inclusão no mundo. Grande parte da narrativa a ser apresentada faz parte do documentário *Call Me Troy* (“Me chame de Troy”, 2007), disponível ao grande público na internet, mas ainda sem legenda em português. Relatar as memórias de Troy Perry sobre a idealização e fundação da denominação reforça a tese de Marcella Althaus-Reid (2019) de que as narrativas religiosas de dissidentes sexuais e de gênero são marcadamente biográficas. Para a teóloga “a Teologia Queer é uma teologia em primeira pessoa: diaspórica, autorrevelatória, autobiográfica e responsável por todas as suas palavras” (Marcella ALTHAUS-REID, 2019, p. 26).

Contar a história do Reverendo Troy Perry me convida a participar de suas memórias, permitindo que eu me coloque ativamente em suas experiências de exclusão do cristianismo tradicional e hegemônico, que também são minhas. Como mulher lésbica e cristã, facilmente me desloquei da escrita para a sala onde ocorreu o primeiro culto da *Metropolitan Community Church* (Igrejas da Comunidade Metropolitana) na tentativa de imaginar o que estaria por trás da escolha dos textos bíblicos daquela que foi a primeira homilia de uma igreja inclusiva.

Essa narrativa imbricada com a vida do fundador e a minha própria vida permite que a tentativa decolonial de reconstrução do conhecimento guie o artigo. Apresentar essa história na academia faz parte de uma tentativa transgressora de divulgar as histórias que, por tanto tempo, foram ignoradas. Afinal, a decolonização do saber implica, também, no resgate de histórias não contadas e na imaginação do passado como possibilidade de subversão do presente. É em gênese que criamos nossos apocalipses!

GÊNESIS 2: “NÃO É BOM QUE O HOMEM ESTEJA SÓ”³

É do Reverendo Troy Perry a afirmação “o Senhor é meu Pastor, e Ele sabe que eu sou gay” (1972), citação que inclusive deu nome a um livro biográfico, escrito por Charles L. Lucas (1972). A referência ao Salmo 23 (“O Senhor é meu pastor, e nada me faltará”) mostra uma ousadia teológica na qual ele se inclui diretamente no projeto de Deus,

³ Gênesis 2, 18 (A Bíblia de Jerusalém).



afirmando seu pastorado sobre sua vida. Deus não é apenas o pastor, mas o seu, aquele que tudo sabe, que tudo conhece. Por isso, Troy Perry (2007) afirma que Ele sabe de sua homossexualidade. A ciência de sua condição sexual revela muito sobre Troy, mas também muito sobre sua ideia sobre Deus, o qual é reconhecido como onisciente, conhecedor dos segredos mais íntimos do ser humano, ainda que Ele esteja escondido “entre as árvores do jardim” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gênesis 3, 8, p. 37) ou, quem sabe, dentro de um armário.

As narrativas do Reverendo sobre a gênese de seu desejo de fundar uma comunidade cristã para as pessoas LGBT partem de uma tentativa de suicídio. Ele conta que depois do término daquele que foi seu primeiro relacionamento homoafetivo estável, não via mais razão para continuar vivo, pois havia abandonado tudo para viver sua homossexualidade. Troy Perry (2007), por causa do término do relacionamento, tentou suicídio e foi resgatado por seus amigos que o levaram ao hospital. Segundo ele, foi no hospital que uma voz suave lhe disse: “Troy, você é meu filho, e eu quero lhe dizer uma coisa: eu não tenho filhos e filhas bastardos” (Troy PERRY, 2007, tradução nossa⁴).

Troy Perry (2007) passava a se reconhecer não mais como bastardo, mas como filho legítimo, afinal Deus havia criado a todas e todos - uma narrativa de experiência sobrenatural com Deus. A relação entre Troy Perry e Deus é marcadamente pessoal, na qual eles encontram-se, geralmente, quando Troy está sozinho. Deus se comunica diretamente com ele, muitas vezes como convicção ou, como nesse caso, por meio de uma voz audível, que realmente escuta devido ao que considera como sendo um alto grau de intimidade com o próprio Deus.

Sobre sua sexualidade, Troy Perry (2007) conta que sempre soube que era gay. Sua primeira experiência homossexual foi aos nove anos e, desde então, sua relação com a homossexualidade foi conflituosa por causa de sua forte relação com tradição protestante que considerava – e majoritariamente ainda considera – a homossexualidade como pecado. Troy Perry (2007) resume que sua vida se baseava em “pecar” e “pedir perdão”. Entretanto, considerava-se vocacionado para o mi-

⁴ Todas as traduções do documentário e de referências em inglês são minhas. *Troy, you're my son, and I want to tell you something, I do not have bastards' sons and daughters.*



nistério pastoral e para ser ordenado pastor em sua igreja era exigido que fosse casado. Por isso, aos 18 anos, casou-se com a filha de seu líder pastoral e com ela teve dois filhos, entretanto, continuou tendo relações homossexuais. Relações esporádicas, sem envolvimento afetivo, com homens os quais ele afirma que muitas vezes não sabia nem o nome.

Sua relação com a homossexualidade e com sua esposa mudou a partir da leitura de *One Magazine: the homosexual viewpoint* (“Revista Um: o ponto de vista homossexual”) e do livro *The homosexual in America: a subjective approach* (“O homossexual na América: uma abordagem subjetiva”), de Donald Webster Cory que, segundo Troy Perry (2007), foi um meio de “Deus lhe dizer que havia milhares de pessoas como ele”. Novamente, em seu relato, ele usa o recurso de afirmar que “Deus fala com ele”, às vezes com frases, de maneira audível como foi feito no hospital, ou como agora por meio de publicações gays. Para o Reverendo de origem batista, o livro usado tradicionalmente para a comunicação de Deus com seus fiéis é a Bíblia, entretanto, nesse caso, foi um livro gay. Essa é uma subversão teológica que merece destaque, porque a moral em torno do então pecado da homossexualidade está ruindo em nome da sua própria prática homossexual.

Troy Perry (2007) conta que teve uma relação com um membro da igreja, sendo, por isso, forçado a se assumir para sua esposa, pois havia sido delatado para a liderança da comunidade pelo próprio parceiro. Ele afirma que decidiu não ser mais desonesto consigo mesmo, confessando-se homossexual para sua esposa. Ela foi embora com as crianças (uma delas de três anos) e por 17 anos ele não viu seus filhos. A narrativa não esclarece o que ocasionou essa ruptura, se foi decisão do próprio pai de não os ver ou se ele foi impedido de alguma maneira. Troy Perry (2007) explica que, por causa dessa situação, teve uma discussão com Deus, quando pediu a Ele para não o incomodar e, em contrapartida, não iria mais incomodá-Lo. A relação que ele estabelece com Deus é de horizontalidade, quase “coagindo” a Deus, ele apresenta suas queixas e perdas atribuídas à sua homossexualidade.

Em 1965, estando divorciado e não sendo mais pastor, Troy Perry é convocado pelas Forças Armadas a servir ao exército norte-americano na Alemanha. Ao retornar, decide morar junto com um amigo e acaba



se apaixonando por um conhecido desse amigo. Após viver sua primeira paixão homossexual por cerca de seis meses, ele é traído, a relação tem fim e ele, então, tenta o já narrado suicídio. (Troy PERRY, 2007).

A solução para os conflitos entre homossexualidade e cristianismo não vieram de nenhum estudo teológico profundo, de nenhuma releitura das Sagradas Escrituras por meio de um viés liberal ou por meio de uma ruptura radical com o protestantismo, mas sim de uma “conversa com Deus” na qual Ele diz que o aceita como seu filho. Essa convicção foi suficiente para que o Reverendo experimentasse o desejo de compartilhar esse entendimento com seus pares. (Troy PERRY, 2007).

Entretanto, apesar do desejo de se afirmar cristão e homossexual, foi somente ao tirar um amigo da prisão que lhe ocorreu a ideia de fundar uma comunidade cristã para pessoas LGBT. Seu amigo afirmou que ninguém se importava com ele e Perry respondeu que Deus se importava. O amigo irritou-se e disse que aquilo não era verdade. Depois do ocorrido, Troy se viu sozinho com Deus e se pôs a orar questionando sobre a possibilidade de abrir uma igreja e quando isso deveria acontecer. Conta que ouviu uma pequena voz respondendo: “agora”. Sem nenhum apoio de outro religioso, decidiu criar sua própria denominação cristã inclusiva, publicando um anúncio na revista *The Advocate* (“O advogado”). (Troy PERRY, 2007).

GÊNESIS 3: “CRESCER E MULTIPLICAI”⁵

Foi na edição de setembro de 1968 que Troy Perry publicou um anúncio convidando as pessoas para o que seria o primeiro encontro das *Metropolitan Community Churches (MCC)*⁶. Em setembro de 1967, começou a circular mensalmente *The Los Angeles Advocate* (“O advogado de Los Angeles”) que, segundo Dan Heching (2016), surgiu com o título *The New York Times of Homosexuality* (“O New York Times da homossexualidade”) devido à sua importância para as pessoas LGBT.

⁵ Gênesis 1, 1 (A Bíblia de Jerusalém).

⁶ A partir de agora as *Metropolitan Community Churches* serão identificadas pela sigla MCC. No Brasil, a denominação é conhecida como “Igrejas da Comunidade Metropolitana” (ICM). Como este artigo relata somente a fundação da Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana nos Estados Unidos, optei por manter o uso da sigla MCC em vez da ICM.



Em 1969, a revista passou a ser nomeada somente como *The Advocate* (“O advogado”), circulando ainda hoje como a mais antiga publicação norte-americana dedicada ao público LGBT.

O ano de 1968 foi marcado por um período de efervescência social simbolizado pelo “Maio de 1968”. A data ficou marcada na história devido à importância do movimento estudantil francês que, no dia 2 de maio de 1968, fez um protesto contra a divisão dos dormitórios entre homens e mulheres na Universidade de Nanterre. Estava por trás da ação a revolta contra o conservadorismo da época. O que começou como reivindicação contra pauta de costumes, culminou na luta pela renúncia do então presidente francês, Charles de Gaulle. O dia 18 de maio foi marcado por uma greve geral que contou com a adesão de cerca de 9 milhões de trabalhadores. Segundo Valerio Arcary (2008),

o Maio francês foi uma revolução política derrotada, pois De Gaulle e o regime da V República sobreviveram, mas, ainda assim, foi uma revolução. E, mesmo derrotada, abriu caminho para reformas, entre elas, mudanças socioculturais progressivas que eram inadiáveis. Os direitos da mulher passaram a ser parte da agenda política: o direito ao divórcio, a legalização do aborto, a criminalização da violência doméstica, entre outros, encontraram reconhecimento legal, mais rápido ou mais lentamente, em inúmeros países. Os direitos da juventude foram também ampliados. Não deveria surpreender que muitos tenham-se dedicado, nas décadas seguintes, a exorcizar o fantasma, ou o perigo, da revolução social anticapitalista, aplaudindo as reformas político-culturais. Mas as reformas não foram obra da contrarrevolução: foram, essencialmente, um subproduto da revolução. (Valerio ARCARY, 2008, p. 204).

O “espírito de 1968” foi um espírito revolucionário cuja mística não se limitou ao cenário francês. Nos Estados Unidos, 1968 foi marcado, segundo Sean Purdy (2010), pela contracultura da juventude, pelo movimento operário de base, pelo movimento militante negro “Black Power”, pela “Segunda Onda” do feminismo e pela efervescência do movimento pelos direitos de lésbicas e gays. O autor conta que

ao longo de 1968, aconteceram importantes mobilizações, como a da Universidade Columbia, que lutaram tanto por questões inter-



nacionais, como a da guerra do Vietnã, como por reivindicações locais. Além do protesto contra o envolvimento da universidade com pesquisas militares usadas na guerra do Vietnã, os estudantes também reivindicaram o fim dos planos para construir um prédio no campus em terras expropriadas do bairro pobre negro do Harlem (Sean PURDY, 2010, [3]).

Foi nesse ambiente que o jovem Troy Perry, com 28 anos à época, decidiu publicizar um convite para a igreja que decidiu fundar. O anúncio não mencionou que seria um culto voltado para pessoas LGBT, mas a revista era destinada a esse público. Embora fosse o primeiro culto, a igreja já tinha nome: *Metropolitan Community Church*, e propunha a regularidade (todos os domingos) na residência de Troy Perry. Segundo o próprio fundador (Chris GLASER, 2005), a denominação deveria ter o nome “igreja”, pois seria uma nova denominação religiosa cristã, deveria ter o nome “comunidade”, pois alcançaria a comunidade gay, como explica, “comunidade significava um sentimento de camaradagem, uma pequena área, um lugar onde você conhece todo mundo” (Troy PERRY *apud* Chris GLASER, 2005, p. 48, tradução nossa⁷). Além disso, havia o interesse de servir a uma comunidade mais ampla, abrangendo toda a área de Los Angeles, por isso, o nome “metropolitana”.

O horário do culto levanta alguns questionamentos, pois, por ser apenas um serviço dominical, esperar-se-ia que fosse em um horário tradicional da manhã ou da noite, mas o horário logo após o almoço sugere que sua igreja não entraria em disputa com outras igrejas. Assim, um membro poderia continuar frequentando sua igreja de origem. O horário depois do almoço também daria a liberdade para que o frequentador fosse ao culto sem parecer que estivesse indo a uma igreja, já que uma “igreja gay”, naquele momento histórico, era frequentada, muitas vezes, às escondidas. Nesse caso, seria possível pensar a igreja como mais um “armário” para as pessoas LGBT.

Aqui, ressalta-se a metáfora do armário como algo compreendido não somente em língua inglesa, como também em portuguesa. “*To come out of the closet*” ou “sair do armário” é uma metáfora comumente

⁷ *community meant a feeling of comradeship, a small area, a place where you know everybody.*

usada para relatar quando uma pessoa LGBT decide assumir socialmente sua orientação sexual ou identidade de gênero divergente. Segundo André Musskopf (2012, p. 417), “sair do armário representa o processo de assumir uma orientação sexual diversa da heterossexual”. O armário diz respeito à intimidade, por isso faz menção a uma socialização da intimidade, quando o privado se torna público.

Uma igreja compreendida como um armário tem duas implicações. A primeira diz respeito à criação de um espaço seguro para vivência da sexualidade, a outra um espaço seguro para a vivência da religiosidade. A ideia de segurança, em ambos os casos, vem ao encontro da compreensão de o armário ser um local privado, que diz respeito à intimidade. Ainda dentro do armário já é possível perceber a formação de uma identidade sexo-divergente, ou seja, que não se enquadra no padrão normalizador da cisheterossexualidade. A igreja-armário permite à pessoa LGBT que, pelo menos durante sua experiência de culto, possa ser quem é, assumindo sua identidade, criando e conhecendo signos e símbolos que façam parte de sua existência e construção identitária. Lá é o lugar onde é possível o flerte, as mãos dadas, o beijo, ainda que seja considerado como um ambiente “sagrado”.

Uma igreja-armário, por outro lado, pode ser compreendida como um espaço no qual a vivência de fé tem que ser feita em segredo, pois o estigma cristianismo e homossexualidade obrigaria seus fiéis a viverem na obscuridade, que é o que, metaforicamente analisando o anúncio (figura 1), o perfil obscuro de Troy Perry poderia apontar. A sombra que cobre o rosto do fundador é maior que ele mesmo, todavia revela um sujeito que emerge

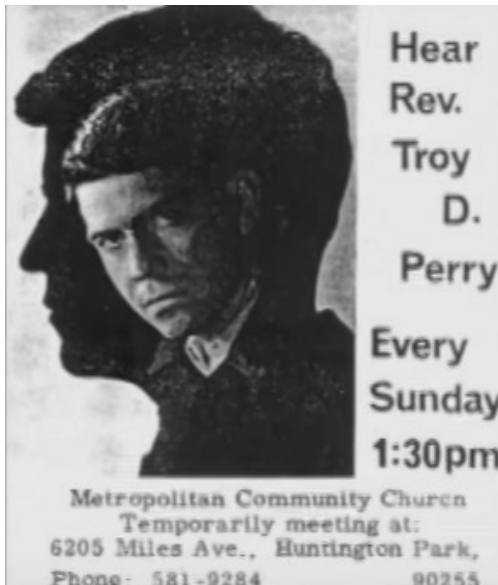


Figura 1 – Anúncio MCC

Fonte: Troy Perry, 2007.



das sombras, que emerge do armário, em uma metáfora de luta entre trevas e luz.

Na arte publicitária acima, Troy Perry tem seu rosto destacado em quase 75% da imagem, na qual aparece sério e olhando diretamente para o leitor, sendo emoldurado pelo próprio perfil. O destaque dado à sua imagem desperta a ideia de uma possível egolatria, na qual a imagem central do Cristo (ou outros signos cristãos) foi substituída pelo líder e fundador da MCC. Do latim *ego*, que significa “eu”, e do grego *latría*, cujo significado é “adoração” ou “culto”, egolatria aponta uma autoadoração, o que não seria esperado em uma igreja cristã na qual Cristo deveria ser o objeto de adoração do culto.

Entretanto, o momento histórico no qual a fundação da igreja está inserida possibilita outra leitura do realce dado ao indivíduo na publicidade. A década de 1960, nos Estados Unidos, como apresentado anteriormente, foi um momento de efervescência pelos direitos civis na luta pela liberdade e pelas garantias dos indivíduos. Segundo André Muszkopf (2012), esse foi um momento histórico de rupturas e continuidades que propiciaram a formação de um novo sujeito. A forte repressão contra a cultura homossexual incentivou o fortalecimento de subculturas homossexuais, as quais se articulavam em redes de sociabilidade. Essas redes facilitaram a organização dos grupos e a reivindicação de seus direitos civis. Eram movimentos sociais liderados por negros, mulheres e gays. Como explica Angela Alonso (2009),

eram jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, empunhando bandeiras em princípio também novas: não mais voltadas para as condições de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a qualidade de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la. Essas demandas “pós-materiais”, como as chamou *Inglehart* (1971), se completavam com a opção por formas diretas de ação política e pela demanda por mudanças paulatinas na sociabilidade e na cultura, a serem logradas pela persuasão, isto é, léguas longe da ideia de tomada do poder de Estado por revolução armada. Então eram, sim, movimentos, mas movimentos sociais. (Angela ALONSO, 2009, p. 51).

Nesse ambiente, o indivíduo irrompe a normatividade da cultura, cujas estruturas o sufocavam. Um líder religioso em um anúncio, em uma



revista para o público gay, era uma afronta às normas morais da época. O rosto estampado de Troy Perry com o título “Rev.” (reverendo) era a publicidade da própria luta pelos direitos civis, a emancipação do indivíduo. Nesse sentido, pode-se compreender aquele rosto tomando quase o anúncio inteiro como uma afirmação do “eu” daquele momento histórico que, corajosamente, afirmava-se gay e, ao mesmo tempo, cristão.

GÊNESIS 4: “TOMOU-LHE DO FRUTO E COMEU”⁸

Entre o anúncio na revista e o culto oficial de fundação da MCC se passaram duas semanas. Segundo Troy Perry (2007), 12 pessoas compareceram à reunião, dentre elas, um casal heterossexual, e, das que estiveram presentes, três foram motivadas pelo anúncio na revista. Interessa ressaltar que o número “12” pode fazer menção sobre uma possível narrativa simbólica bíblica, um mito de fundação, pois ao afirmar que havia 12 pessoas, Troy Perry não se incluiu. O simbolismo estaria em um líder e seus 12 discípulos, ao exemplo das narrativas de Jesus Cristo.

Antes do sermão, ele apresentou a sua proposta de igreja dizendo:

eu disse que a igreja foi organizada para servir às necessidades religiosas, espirituais e sociais da comunidade homossexual da grande Los Angeles, mas que eu esperava crescer para alcançar os homossexuais onde quer que eles estivessem. Deixei claro que não éramos uma igreja gay – éramos uma igreja cristã –, e eu disse isso em meu primeiro sermão. Eu, também, lhes disse que seríamos uma igreja protestante inclusiva. Então, eu orei novamente (Troy PERRY, 2007, tradução nossa⁹).

Merece destaque nessa afirmativa, o fato de ser uma narrativa de 2007 sobre o culto ocorrido em 1968. É, então, após 36 anos, que Troy Perry (2007) narra a fundação afirmando que ela era uma “igreja protestante inclusiva”, termo que não comumente usado à época para

⁸ Gênesis 3, 6 (A Bíblia de Jerusalém).

⁹ *I said the church was organized to serve the religious, spiritual and social needs of the homosexual community of greater Los Angeles, but I expected to grow to reach homosexuals wherever they might be. I made it clear that we were not a gay church — we were a Christian church, and I said that in my first sermon. I also told them that we would be a general Protestant church to be all-inclusive. Then I prayed again.*



nomear uma igreja que acolhesse as pessoas LGBT. Troy Perry (2007) faz uma distinção entre igreja gay e igreja cristã, inclusive porque tinha um casal heterossexual presente em seu primeiro culto.

O tema da pregação do primeiro culto foi *Be true to you* (“Sê fiel a ti mesmo”), que, de acordo com Troy Perry (2007), foi inspirado no conselho de Polônio a Laertes, segundo a peça teatral *Hamlet*, de Shakespeare. A frase faz parte da passagem na qual Polônio dá uma série de conselhos a Laertes, quando ele está retornando a Paris: “Mas, sobretudo, sê a ti próprio fiel; segue-se disso, como o dia à noite, que a ninguém poderás jamais ser falso. Adeus; que minha benção tais conselhos faça frutificar” (William SHAKESPEARE, 1603, [18]).

A fidelidade implica em um compromisso pessoal com o que realmente se é, para além de qualquer perspectiva essencial do indivíduo. O ser está em construção constante, inclusive no que diz respeito à sua sexualidade. O “sê fiel a ti mesmo” implica em reconhecer essas complexidades características da própria existência, na qual muitas vezes o sujeito se percebe como “estrangeiro em sua própria cama”¹⁰. O sujeito que não se reconhece, que olha para si como um refugiado dentro dos armários das incertezas, das inseguranças e das dúvidas com relação ao que se é.

“Sê fiel a ti mesmo” implica em um resgate e uma construção identitária da pessoa LGBT que, muitas vezes, nega a própria existência ou a amputa por meio da negação da sua sexualidade. O chamamento sugere uma autoaceitação que, dificilmente, passaria pelo crivo da religião naquele específico momento histórico. Em complementação ao tema, Troy Perry (2007) lançou mão do Evangelho de São João 3, 1-21, e se ateu ao texto encontrado no livro de Jó 19, 1-26 que ressalta:

Até quando continuareis a afligir-me e a magoar-me com palavras? Já por dez vezes insultais, e não vos envergonhais de zombar de mim. Se de fato caí em erro, meu erro só diria respeito a mim. Que-reis triunfar sobre mim, lançando-me em rosto minha afronta? Pois sabeí que foi Deus quem me transtornou, envolvendo-me em suas redes. Grito: “Violência!”, e ninguém me responde, peço socorro e

¹⁰ Termo retirado de um depoimento que foi me encaminhado pelas redes sociais, por ocasião do lançamento da obra “Deus Queer”, de Marcella Althaus-Reid, em agosto de 2019.



ninguém me defende. Ele bloqueou o meu caminho e não tenho saída, encheu de trevas minhas veredas. Despojou-me de minha honra e tirou-me a coroa da cabeça. Demoliu tudo em redor de mim e tenho de ir-me desenraizou minha esperança como uma árvore. Acendeu sua ira contra mim, considera-me seu inimigo. Chegam em massa seus esquadrões, abrem em minha direção seu caminho de acesso e acampam em volta de minha tenda. Ele afastou de mim os meus irmãos, os meus parentes procuram evitar-me. Abandonaram-me vizinhos e conhecidos, esqueceram-me os hóspedes de minha casa. Minhas servas consideram-me intruso, a seu ver sou estranho. Se chamo meu servo, ele não responde, quando lhe imploro com minha boca. À minha mulher repugna meu hálito, e meu mau cheiro, aos meus próprios irmãos. Até as crianças me desprezam e insultam-me, se procuro levantar-me. Todos os meus íntimos têm-me aversão, meus amigos voltam-se contra mim. Meus ossos estão colados à minha pele e à minha carne, ah! Se eu pudesse me livrar deles com a pele de meus dentes. Piedade, piedade de mim, amigos meus, pois me feriu a mão de Deus! Por que me perseguis como Deus, e sois insaciáveis de minha carne? Oxalá minhas palavras fossem escritas, e fossem gravadas em uma inscrição; com cinzel de ferro e chumbo fossem esculpidas na rocha para sempre! Eu sei que meu Defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó quando tiverem arancado esta minha pele fora de minha carne verei a Deus. (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Jó 19, 1-26, p. 825-826).

Uma análise sobre o texto escolhido e de sua aplicação no contexto LGBT pode ser feita nesse momento com o intuito de se levantarem suspeitas sobre o porquê da escolha dessa perícopa justamente no primeiro culto oficial da MCC. A leitura proposta parte das minhas próprias intuições, tendo em vista a minha experiência de reconciliação da minha sexualidade divergente com o cristianismo, por meio da transgressão das imagens opressoras de Deus.

Ditos populares como “a paciência de Jó” acompanham a personagem bíblica central desse texto. Entretanto, segundo Roderick MacKenzie (1983), atribuir essa característica a Jó é “sem sentido” e “inexato”, pois o que se pode afirmar é que Jó é perseverante, o que demonstra em sua experiência com o sofrimento. Segundo Gustavo Gutiérrez (1986), Jó não é o homem da paciência, mas o “crente rebelde”. Rebelar-se contra o sofrimento do inocente, contra a teologia



da retribuição, em busca do conhecimento profundo da gratuidade do amor de Deus.

O livro bíblico, que é uma construção literária com textos em prosa e poesia, apresenta Jó como sendo um “homem íntegro e justo, temente a Deus e que evitava fazer o mal” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Jó 1, 1, p. 801). Para Flávia Luiza Gomes Costa (2011), o nome de Jó em hebraico é IYYOB, a forma passiva do verbo “odiar”. Jó significaria, então, aquele que é odiado, hostilizado. De acordo com a narrativa, o próprio Senhor relata que “na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Jó 1,8, p. 801). Então, a presença de um antagonista, Satanás, tenciona o texto sugerindo que Deus coloque Jó à prova, para que ele mostre que só teme a Deus porque é agraciado com família e riqueza. Segue-se, então, uma série de provações a Jó, como pobreza, enfermidade e, nesse contexto, ele é questionado por sua esposa e amigos.

O objetivo do livro, segundo Gustavo Gutiérrez (1986), é falar de Deus a partir de uma situação-limite: o sofrimento do inocente. “Como encontrar uma linguagem sobre Deus a partir do sofrimento do inocente?” (Gustavo GUTIÉRREZ, 1986, p. 41), pergunta o teólogo. Assim, não é um livro sobre sofrimento, mas sobre como falar de Deus a partir dele. Jó é aquele que carrega em si a marca do sofrimento. Segundo Gustavo Gutiérrez (1986), Jó experimenta várias mortes: a física, ao sofrer de doenças graves; e a social, ao ser excluído e rejeitado do seu núcleo familiar. Jó era o corpo abjeto que tinha perdido tudo: saúde, dinheiro, família, amigos. A ele desejavam a morte, mesmo ele já tendo experimentado, simbolicamente, tantas. Seu sofrimento não encontrava base na falta de ética ou desobediência à vontade de Deus, por isso seu senso de justiça questiona a relação entre a retribuição e a gratuidade. O sofrimento de Jó o leva a uma religião desinteressada, na qual o que tem não é consequência de algo que tenha feito ou deixado de fazer, pois ele percebe que no princípio de tudo está a gratuidade do amor de Deus. Segundo Gustavo Gutiérrez (1986), Jó elabora uma teologia que tem o que dizer ao sofrimento humano.

O texto escolhido por Troy Perry (2007) é a quinta resposta de Jó, dentre nove que existem no esboço do livro, conforme Roderick Ma-



Kenzie (1983). No texto, Bildade (ou Baldad) critica Jó por seu linguajar inapropriado e abusivo e por seu desprezo à sabedoria, insinuando que o sofrimento de Jó é punição pelo seu próprio pecado. Nesse sentido, é razoável propor que Troy Perry (2007) se comparou à figura de Jó. O texto apresenta claramente uma tensão na experiência da própria fé, quando Jó questiona a presença de Deus, queixando-se abertamente de sua situação de vulnerabilidade. As pessoas LGBT percorrem um caminho semelhante, são questionadas justamente pelas pessoas mais próximas que, muitas vezes, usam o próprio discurso que interpretam como bíblico contra as pessoas dissidentes sexuais e de gênero.

Tendo a tradição cristã hegemônica considerado por tanto tempo a homossexualidade como pecado, ao homossexual estão destinadas as mais duras acusações. Se já não bastassem as lutas sociais que precisa enfrentar na busca por direitos civis, a ele são designados artifícios de controle religioso que o colocam em uma situação de vulnerabilidade espiritual e psíquica. Ao tratar sobre o livro de Jó, Carl Gustav Jung (2012) compreende Deus como sendo esse “ser completo”, no qual habitam tanto o bem quanto o mal. Satanás seria o “olho de Deus” sobre a terra, revelando assim uma imagem ambivalente de Deus, à qual Carl Gustav Jung propõe uma interpretação psíquica. Nessa interpretação, que não se pretende exegética nem teológica, o autor compreende o livro de Jó como sendo aquele que revela uma imagem arquetípica de Deus, um arquétipo numinoso:

embora todo o nosso universo de representações seja constituído de imagens antropomórficas e, portanto, segundo creio, incapazes de resistir a uma crítica racional, contudo é preciso não esquecer que ele assenta em arquétipos numinosos, ou seja, em um fundamento emocional que parece inacessível à razão crítica. Refiro-me aqui a casos psíquicos cuja existência podemos ignorar, mas nunca refutar (Carl JUNG, 2012, p. 13).

Segundo Carl Gustav Jung (2012), o Deus do livro de Jó fala mais sobre Jó do que sobre Deus. Jó, aquele que também tem em si essa ambivalência, na qual habita tanto o bem como o mal. Assim, Troy Perry assume esse local de contradições, no qual o errar e o acertar são parte



de uma mesma realidade: ser um cristão homossexual. Nesse contexto, a fundação da igreja implica em uma ruptura com o cristianismo hegemônico no que diz respeito ao seu entendimento do mal que habita os corpos e as experiências da sexualidade. Ainda que desviante, sua vivência como gay não mais o afastava de Deus, permitindo que ele, que já não tinha espaços legítimos de vivência de sua fé, criasse o próprio espaço, um local de tensões entre o cristianismo que experimentou durante anos e a sua orientação afetivo-sexual dissidente. Como afirma Carl Gustav Jung (2012, p. 17), “[...] uma pessoa criada e instruída no cristianismo se confronta com as trevas divinas tais como aparecem no livro de Jó e [...] essas trevas agem sobre tal pessoa”. E, também, a pessoa, como mostrou Troy Perry, age sobre essas trevas!

Assim, Troy Perry (2007) começa sua homilia tomando para si o que Jó, o “pobre verme”, indagou: “Até quando continuareis a afligir-me e a magoar-me com palavras? Já por dez vezes me insultais, e não vos envergonhais de zombar de mim. Se de fato caí em erro, meu erro só diria respeito a mim” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Jó 19, 2-4, p. 825). O desvio e a culpa cristã aqui caminham juntos, implicando em uma relação opressora de vivência da religião. Para o Reverendo (2007), essa relação teve um peso singular que culminou em uma tentativa de suicídio, por ocasião de um relacionamento homossexual que terminou. Entretanto, a fundação da igreja “matou” o que a tentativa de suicídio não conseguiu: o peso violento do discurso religioso hegemônico sobre a experiência livre e libertária do amor.

As acusações contra Jó eram feitas pelas pessoas mais próximas, assim como, muitas vezes, ocorre nos casos da divergência sexual assumida. É a família, são os amigos, e, como na narrativa, são aqueles da mesma profissão de fé que lançam as palavras que têm o maior poder de dor e destruição. Ainda sofrendo duras acusações, Jó se dirige ao próprio Deus como aquele que tem legitimidade de fazê-lo, ao contrário das outras personagens do livro que não se dirigem diretamente a ele. Nessa perspectiva, Troy Perry se coloca em um local de “privilegio sacerdotal” que irá acompanhá-lo por sua caminhada como Reverendo, pois cria um ambiente de intimidade com Deus, no qual se dirige ao Sagrado como um igual. Ele conversa com Deus, ouve a sua voz, faz perguntas e Deus a ele as responde.

Carl Gustav Jung (2012) aborda essa perspectiva em Jó, ao afirmar



que esse tratava Deus como um objeto de seu domínio, um “parceiro divino”, ligeiramente inferior do ponto de vista intelectual e moral. Essa relação de quase horizontalidade entre Deus e Jó perdura durante toda a narrativa. É possível inferir pelo desfecho do texto que essa relação – Jó e Deus – possa ter mudado, não para uma verticalização ou hierarquização, mas para um ambiente de ainda maior intimidade, pois Jó afirma que “eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem; por isso, retrato-me e faço penitência no pó e na cinza” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Jó 42, 5-6, p. 856). O tom penitencial dos versículos reforça a personalidade de Jó, o que não o coloca, entretanto, em uma situação de autoflagelo, mas de autoconhecimento.

Na relação antropomórfica com Deus é que Jó toma consciência de si. Aqui é importante lembrar o tema da homilia de Troy Perry (2007): “Sê fiel a ti mesmo”. A partir de uma tomada de consciência de sua homossexualidade, o Reverendo faz uma aliança consigo mesmo, na qual ele deveria ser fiel, antes de qualquer coisa, à sua realidade, não mais temendo assumir seu desejo em viver o cristianismo, embora o cristianismo tradicional não o aceitasse. Assim, ele apoia-se em sua própria experiência religiosa, dando um salto na tradição e chegando diretamente na Bíblia.

Segundo Gustavo Gutiérrez (1986), o sofrimento do inocente e suas perguntas são um questionamento capital para uma teologia, isto é, para uma linguagem sobre Deus. Troy Perry, ao se descobrir em Jó, percebe-se em uma relação de vulnerabilidade devida à sua homossexualidade. Sua perspectiva de leitura bíblica acaba por libertá-lo das antigas construções opressoras sobre Deus. Para Gustavo Gutiérrez (1986, p. 19), “ler a Bíblia a partir de nossas preocupações mais profundas e urgentes, não é só legítimo, mas constitui a prática da comunidade cristã ao longo da história. [...] Se é certo que lemos a Bíblia, também é verdade que ela nos lê, nos interpela”. Troy encontra-se naquela personagem bíblica e constrói a partir do texto e de sua compreensão uma teologia pessoal que o aceita como homossexual e, mais do que isso, que celebre o fato de ele ser homossexual.

Como Jó, o encontro de Troy Perry com Deus passa pela queixa, pela perplexidade e pelo confronto. As tensões de uma relação hori-



zontal dão-se sobre o escopo da proximidade e da intimidade. Gustavo Gutiérrez (1986) explica que os amigos de Jó falam de Deus, mas nunca a Deus como faz Jó. Assim faz o Reverendo: fala, escuta e sente Deus, em uma relação de honestidade.

O livro de Jó proporciona uma construção teológica profunda sobre a gratuidade do amor de Deus, que levam Gustavo Gutiérrez (1986, p. 11) a concluir que “o desprezado deste mundo é o preferido do Deus amor”. Assim, a justiça de Deus se dá na escolha preferencial pelo sofrimento, pela exclusão e pelo desprezo. Naquele momento histórico, era vital que Troy Perry se colocasse nesse local de “preferência” divina, pois sua vida dependia de uma mudança radical na compreensão da gratuidade do amor de Deus.

O que compreendeu Jó exatamente? Que a justiça não rege no mundo criado por Deus? Não. O que percebeu, e o que levou à contemplação, é que a justiça sozinha não teme a última palavra no falar sobre Deus. Estamos total e definitivamente diante do Deus da fé somente quando reconhecemos a gratuidade de seu amor. A graça não se opõe nem desmerece a busca por justiça. Pelo contrário, dá-lhe seu pleno sentido. O amor de Deus, como todo amor, não se move num universo de causas e efeitos, mas no mundo da liberdade e da gratuidade. É deste modo que as pessoas podem encontrar-se plena e incondicionalmente: sem pagar qualquer tipo de tarifas, sem obrigações exteriores que pressionem a corresponder ao outro (Gustavo GUTIÉRREZ, 1986, p. 142).

Troy Perry não estava mais no alvo da retribuição de Deus por seus atos considerados “pecaminosos”, estava sim no alvo do amor de Deus, que o libertava para ser quem ele era verdadeiramente. Afinal, existia um chamado: “Sê fiel a ti mesmo”, e esse só podia ser cumprido dentro de um ambiente teológico que o acolhesse integralmente. Assim, a escolha do texto de Jó não foi uma escolha ingênua. Troy Perry podia lançar mão do arquétipo de Jó para se apresentar naquela comunidade como alguém que se assumia gay e se professava cristão.

Troy Perry (2007) relata que o texto usado buscou apresentar Jó como exemplo de homem que foi “fiel a si mesmo”, fazendo relação com o texto de Shakespeare (1603), sendo esse o seu desejo para a MCC.



Conta que usou outras passagens bíblicas, também veterotestamentárias, como a história de Davi e Golias, para traçar um paralelo entre a comunidade gay e Davi, sempre no intento de convocar os ouvintes a serem sinceros e honestos com eles mesmos. Seu objetivo era que as pessoas entendessem que Deus e ele as amava.

De acordo com as narrativas de Troy Perry (2007), liturgicamente, o culto foi marcado por momentos de oração e louvor. O Reverendo optou pelo uso da veste talar – o que é marca hierárquica nas MCC até hoje – promovendo não somente uma diferenciação entre a sua pessoa e os demais participantes, mas confirmando por meio de símbolos litúrgicos que era o líder local. No culto houve o momento da Santa Ceia, no qual foi ofertado o “corpo” e o “sangue” de Cristo por meio de símbolos como a hóstia/pão e o vinho/suco de uva. Segundo a narrativa do Reverendo (2007), apesar de ter feito o convite a todos os 12 presentes, apenas três participaram.

Perry (2007) conta:

orei novamente, e então eu olhei para cima e disse: “Nós vamos ter Comunhão (*Santa Ceia*) aberta”. Não havia um olho seco no local. Um silêncio tomou conta do lugar e todo mundo naquela pequena sala de estar estava chorando silenciosamente. Todos nós sentimos que éramos uma parte de algo maior. Deus estava se preparando para mover. Estávamos prontos para ver a obra de Deus, e aquilo seria inacreditável. (Troy PERRY, 2007, tradução nossa¹¹).

A narrativa sobre aquele momento litúrgico revela a personalidade religiosa do líder e sua maneira de vivenciar a fé, na qual ele “se conecta” com Deus por meio de orações, olhares e sensações: “orei, [...] olhei para cima, [...] não havia um olho seco” (Troy PERRY, 2007). O Deus que ele narra é o que ele experimenta por meio de sensações, por meio do “inacreditável”. Como foi descrito, por diversas vezes em suas narrativas, o Reverendo afirma que “sabia que Deus estava naquele

¹¹ *I prayed again, and then I looked up and said, “We’re going to have open communion”. There wasn’t a dry eye in the place. A hush fell over the place and everybody in that small living room was weeping silently. We all felt that we were a part of something great. God was preparing to move. We were to see God’s handiwork, and that would be unbelievable.*



lugar” (Troy PERRY, 2007), sendo essas “certezas da fé” que legitimam tomadas de decisões em nome de Deus.

A MCC ficou por cerca de seis semanas tendo seus cultos sendo realizados na casa do líder, até quando essa já não comportava mais o número de frequentadores. Em um ano e meio da fundação, já eram cerca de mil participantes (Chris GLASER, 2005). Um ano depois, em 19 de outubro de 1969, a igreja já estava construindo um templo próprio, mas com certa dificuldade financeira. Assim, Troy Perry (2007) convocou para que as pessoas, naquele dia, fizessem uma oferta comunitária de \$10,000 (dez mil dólares). Foi levada à frente do templo uma lixeira na qual os membros depositavam suas ofertas. Segundo Chris Glaser (2005), a meta foi alcançada com alguma sobra. Assim, com as ofertas que se seguiram, em 1971, a MCC consagrava seu primeiro templo, sendo considerada a primeira propriedade de uma organização LGBT nos Estados Unidos.

Troy Perry (2007) explica que o rápido crescimento da denominação se deu devido a algumas questões: 1) eram visitados por curiosos; 2) eram visitados por incrédulos; 3) eram jovens; 4) eram novidade; 5) eram um item no mundo gay; e 6) eram ignorados pela comunidade heterossexual. Diante do crescimento denominacional, o Reverendo deparou-se com questões teológicas para o seguimento da igreja, pois o que ele outrora propusera para ser uma “igreja protestante inclusiva” (Troy PERRY, 2007) também recebia pessoas de diferentes tradições religiosas. Inclusive, dentre as pessoas que frequentaram o primeiro culto da MCC havia católicos, episcopais e protestantes de diferentes denominações e correntes teológicas. O Reverendo Troy Perry (2007) explica que sabia que não estava fundando outra igreja protestante, mas sim uma “igreja ecumênica”.

A narrativa de Troy Perry (2007) suscita algumas hipóteses sobre sua fidelidade a um projeto teológico protestante no qual havia sido formado. Ele viveu uma tensa dialética entre tradição e ruptura, fidelidade e subversão. A ruptura com sua igreja local implicaria em rupturas teológicas a fim de acolher as pessoas LGBT. Buscando formar uma igreja que incluísse o maior número de adeptos que faziam parte de um público à margem da experiência religiosa tradicional e hegemônica, Troy Perry criou seu próprio marketing religioso. A MCC passou a crescer em volta de seu líder, por isso conhecer sua história torna-se



fundamental no intuito de compreender os rumos que a denominação tomou em seus mais de 50 anos de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU GÊNESIS 50: “O MAL QUE TÍNHEIS INTENÇÃO DE FAZER-ME, O DESÍGNIO DE DEUS MUDOU EM BEM”¹²

A história da fundação das *Metropolitan Community Churches* revela que uma das possíveis gêneses da inclusão está na convicção de um homem que ousou se afirmar homossexual e cristão em um contexto histórico no qual a homossexualidade era crime, doença e pecado, rompendo, assim, com normalização da exclusão por meio da afirmação de sua identidade.

A narrativa apresentada conta uma história, dentre tantas outras, de sofrimento na tentativa de conciliação do cristianismo com a sexualidade divergente. Foi por meio de uma relação de “intimidade” com Deus, que Troy Perry, por meio do que era considerado “desvio sexual”, criou desvios em sua própria história que não evitaram encruzilhadas ou estradas sem saída, entretanto, criaram possibilidades outras de experiência de si, nas quais o que era verdade e libertação para ele precisaria ser compartilhado como um anúncio messiânico das “boas novas da inclusão”: era possível ser homossexual e cristão! Essas foram as palavras necessárias para criar uma nova vida e incluí-la em sua diversidade na história do cristianismo. Como afirma o preâmbulo da declaração de fé das *Metropolitan Community Churches*: “As Igrejas da Comunidade Metropolitana são um capítulo na história da Igreja, o Corpo de Cristo” (ICMBRASIL, 2022, p. [1]).

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 8ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus queer**. Rio de Janeiro: Metanoia, Novos Diálogos, 2019.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/HNDFYgPP8sWZfPRqnWFXxz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- ARCARY, Valerio. Maio de 68: a última onda revolucionária que atingiu o centro do capitalismo. **Acta Sci. Human Soc. Sci.** Maringá, v. 30, n. 2, p. 203-209, 2008. Disponível

¹² Gênesis 50, 20 (A Bíblia de Jerusalém).



- em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307324801011.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.
- COSTA, Flávia Luiza Gomes. O livro de Jó: uma catequese para um povo fracassado em sua esperança. **Revista Cultura Teológica**, São Paulo, v. 19, n. 73, jan/mar 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15358/11474>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- GLASER, Chris. **Troy Perry**: pastor and prophet. Metropolitan Community Churches. California. 2005.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente**: uma reflexão sobre o livro de Jó. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HECHING, Dan. Watch: History of The Advocate, America's Oldest LGBT Magazine. **OUT Magazine**. 28 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.out.com/news-opinion/2016/6/28/watch-history-advocate-americas-oldest-lgbt-magazine>. Acesso em: 29 jun. 2016.
- ICMBRASIL. Declaração de fé. Disponível em: <https://www.icmbrasil.org.br/declaracao-de-fe/>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LUCAS, Charles. **Lord Is My Shepherd and He Knows I'm Gay**: The Autobiography of the Reverend Troy D. Perry. Liberty Press, 1972.
- MacKenzie, Roderick. Fundo cultural e religioso de Jó. **Concilium**. Revista Internacional de Teologia. Petrópolis, nº 189, 1983, p. 5-11.
- MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma Teologia Queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- PERRY, Troy. **Call me Troy**. YouTube. Scott Bloom, 2007. 1º de agosto de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4eCaJ-xs3Xo>. Acesso em: 1 jul. 2016.
- PERRY, Troy. **Rev Elder Dr Troy D Perry**. The Life and Times of the Founder of Metropolitan Community Churches. Disponível em: www.revtroyperry.org. Acesso em: 4 jul. 2016.
- PURDY, Sean. 1968: a rebelião estudantil nos Estados Unidos. **Cult**. 14 de março de 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/1968-a-rebeliao-estudantil-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 18 set. 2019.
- SERRA, Cris. Verbete. Diversidade sexual e de gênero. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbráz; PANASIEWICZ, Roberlei (Orgs.). **Dicionário do pluralismo religioso**. São Paulo: Editora Recriar, 2020.
- SHAKESPEARE, William. **A trágica história de Hamlet, príncipe de Dinamarca**. [1603]. Tradução: Tradução de Millôr Fernandes. Versão para eBook: eBooksBrasil.com. Disponível em: <https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2014/10/shakespeare-hamlet.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

Submetido em: 15-12-2021

Aceito em: 10-6-2022